◆ VERSÃO DIGITAL: WWW.JORNALISMOUNAERP.COM.BR/MURAL/ ◆

MURALENTREVISTA

CURSO DE JORNALISMO UNAERP
Av. Costábile Romano, 2201 | (16) 3603.6716

DEZEMBRO DE 2022

ANO 7 | RIBEIRÃO PRETO

ENTREVISTA: SILVANA CAMPOS

Muito prazer! Sou a Silvana Campos

A tenista ribeirão-pretana superou traumas e passou a cuidar de pessoas por meio do tênis

REPÓRTER: ALCIDES JUNIOR

O tênis feminino brasileiro chegou novamente ao topo do ranking mundial com Bia Hadad. Mas, antes dela, tenistas brasileiras já haviam feito história, como a ribeirão-pretana Silvana Campos, na década de 1980. A ex- atleta afirma que não se pode comparar o tênis de 40 anos atrás e, menos ainda, com Maria Esther Bueno, principal tenista brasileira de todos os tempos, que esteve no auge entre 1957 e 1968. No entanto, foram aquelas tenistas que abriram as trilhas para os atuais destaques, como a dupla Laura Pigossi e Luisa Stefani, medalhas de bronze nas Olimpíadas do Japão. Nesta entrevista, Silvana lista suas conquistas, cita o trauma particular que provocou sua prematura retirada do tênis e relata que continua utilizado o tênis como ferramenta de cunho social e assistencial.

MURAL ENTREVISTA - Bia Hadad é a Silvana Campos dos anos 1980?
SILVANA CAMPOS - São situações diferentes e incomparáveis. Houve mudanças nos esportes que não permitem a comparação. Fomos pioneiras na época, deixamos um legado para hoje termos a Bia Hadad. Não cheguei no nível dela, mas atingi um nível maior do que almejava.

Hoje a Bia Hadad tem técnico, psicólogo e preparador físico para chegar ao topo. Antes, o técnico absorvia tudo?
Com certeza. A Bia ainda não tem o staff dela. Viaja com o técnico Rafael Paciaroni. Voltará ao Brasil em outra dimensão com a carreira em outro caminho. Hoje ela tem profissionais que ficam no Brasil. Não tem como levar todos. Nós só tínhamos o técnico que, às vezes, nem viajava e dividíamos tudo com as outras atletas. Nós jogávamos e nos apoiávamos.

Você vê a Bia, a Laura, a Luiza numa posição abaixo do Top 10?
Acompanho as três, jogando neste nível, mas uma lesão no esporte individual pode mudar as coisas. Com 30 anos, Bia tem um ranking incrível, o que já é um feito. Se ela conseguir se manter ficará entre as 10 do mundo. A Bia vai começar a defender seus pontos. Ela precisa se manter aí por pelo menos dois anos. Não será fácil.

Vendo as meninas, pensamos que elas saíram do nada? Mas, tem uma construção de 10 anos no mínimo, não é?
Não saíram do nada, só que estourou na mídia. Poderia ter sido outras que estavam na mesma jornada. Aquela conspiração aconteceu. Daqui para frente é só se manter ali para conseguir avançar. O funil é muito pequeno.

No tênis passar da primeira fase para seguir no torneio é complexo?
No tênis você perde muito. Se existem 128 jogadores numa chave 127 perdem, um só ganha. Perder no tênis é comum. A derrota é coisa corriqueira neste esporte.

O tênis foi acidente? Você praticava outro esporte antes dele e daí pegou na raquete e deu certo?
Fui criada em clube em Ribeirão Preto, com todos os esportes disponíveis. Mas, a determinação no esporte conta muito, eu gostava e queria. Em 1976, com 9 anos, meu irmão e técnico Paulo Campos me colocou numa clínica de tênis em Brasília. Nossos pais admitiam que conhecêssemos situações, sem decidir por nós. Eu não era alta, não era a mais forte. Tinha determinação e grande força. Sempre existe a seleção natural.

Quando percebeu que tinha ranking para se profissionalizar?
A verdade é que fiquei muito tempo no juvenil. Se o tempo pudesse voltar, eu, com 15 anos, não teria jogado mais no juvenil. Passaria a enfrentar as grandes. Eu era madura, não era técnica ou fisicamente, mas tinha maturidade mental, era muito preparada.

As competições mudaram a rotina da vida? Como foi no clube, na escola, na família, na sociedade?
Eu tinha obrigações e situações inusitadas. Tive uma professora fantástica. Não fazia prova, pois ela afirmava que minha prova era na vida. Eu me virava nos 30, nessa rotina de treinamentos, entrevistas e vida social. Depois voltava a jogar.

Quanto tempo você jogou no profissional? Como viveu este tempo?
Só joguei um ano e meio e foi grande. Saí do primeiro lugar juvenil para ser mais uma no circuito. Antes, tinha respaldo da organização. Era acompanhada pela confederação. Tinha boa situação no juvenil, mas no profissional não tínhamos a mesma estrutura. Era um vai com Deus. Foi sofrido, vinha fazendo bons resultados, mas aí tive um trauma pessoal. E a coisa foi pro brejo de vez.

Quais foram suas principais conquistas?
Campeã dos jogos regionais e abertos, brasileira juvenil e no adulto. Sul-americana, 4º lugar no Panamericano 1983. Jogou nas Olimpíadas de 1984 e fui semifinalista de Roland Garros juvenil.

Como foi a decisão de mudar de técnico, deixando seu irmão, Paulo Campos, e contratar o profissional Sergio Ferreira?
O Paulo não podia mais me acompanhar, por razões pessoais. O Sergio começou a me acompanhar, me apaixonei por ele e ele por mim; não era mais a atleta e o treinador, unimos o útil ao agradável. Eu estava subindo no ranking. Mas, antes do início da temporada de 1984, ele sofreu um aneurisma, com 30 anos. Eu tinha 18. Foi fatal. O mundo despencou. Voltei ao Brasil sem forças para seguir, mesmo com toda determinação. Botei as raquetes na mesa e informei minha mãe que não jogaria mais. Precisava de tempo para entender os fatos. Foi o ponto divisor. Nunca tinha tido uma tristeza no tênis.

Derrota não é tristeza?
De jeito nenhum, derrota nunca me impediu de voltar no outro dia e treinar para o próximo torneio, mas fiquei fraca com o trauma e refleti. Caramba, o mundo não é este.

Você faz ações assistenciais no tênis?
Sim, no meu projeto social já fui treinadora, professora e agora a coordenadora. Não entro num projeto social pensando em achar um grande atleta.Tenho conexão com todos os meninos que passaram na minha vida e, não foram poucos. Com a rede social então, não perdi o contato com eles. São ótimas pessoas. ◆

EXPEDIENTE
O projeto Laboratorial MURAL ENTREVISTA é desenvolvido como atividade prática da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem, ministrada na 2ª etapa do curso de Jornalismo da Unaerp – Universidade de Ribeirão Preto.
Coordenador do curso de Jornalismo
Profº Geraldo José Santiago
Orientação e Edição (pauta, reportagem e redação)
Profª Elivanete Zuppolini Barbi
Projeto Gráfico
Prof. João Flávio de Almeida
Pautas, entrevistas e redação
Alunos da disciplina Técnicas de Redação e Reportagem – 2ª etapa
Apoio técnico
Luciano Filho e Gabriel Bordonal (Lecograf- Laboratório de Editoração Eletrônica e Computação Gráfica dos cursos de Comunicação Social da Unaerp)